

“PRA PUXAR O JOGO...” JOVENS E FUTEBOL NAS PERIFERIAS DE PORTO ALEGRE

LEANDRO ROGÉRIO PINHEIRO¹

RESUMO

Articulado a pesquisa sobre práticas juvenis em periferias urbanas de Porto Alegre/RS, este artigo traz inferências produzidas no diálogo com jovens integrantes de um time de futebol que, oriundo de um projeto sócio educativo, está vinculado ao campeonato amador da cidade. Procuramos discutir como esses atores experienciavam sua condição juvenil desde o circuito do futebol, uma atividade nem sempre relacionada à expressividade cultural das juventudes. Além de algumas referências no campo da sociologia das juventudes, tomamos as contribuições de Vincent, Lahire e Thin como referência para análise de informações de campo, geradas em observação etnográfica e entrevistas narrativas durante os anos de 2017 e 2018. Nossas incursões indicam que, embora a prática do futebol de várzea tenda a visibilizar especialmente marcadores de socialização adulta, a intrusão de interações pedagogizadas circunstanciava derivas de uma moratória insuficiente, em disputa com os agenciamentos comuns à individuação no futebol.

PALAVRAS-CHAVE

Juventudes; Futebol; Forma escolar; Periferias.

“TO TAKE THE GAME...” YOUTH AND FOOTBALL IN THE PERIPHERIES OF PORTO ALEGRE, BRAZIL

ABSTRACT

In tandem with research on youth practices in urban peripheries of Porto Alegre/RS, this article presents some inferences accomplished from interactions with young members of a soccer team that, coming from a socio-educational project, is linked to the city's amateur championship. We tried to discuss how those actors experienced their youthful condition vis-à-vis the soccer circuit, an activity not always related to the cultural expressiveness of youths. In addition to some references in the field of youth sociology, we resort to contributions by Vincent, Lahire, and Thin as a reference for analysis of field information, generated from ethnographic observation and narrative interviews during the years 2017 and 2018. Our incursions indicate that, although the practice of amateur soccer tends to be especially evinced as a marker of adult socialization, the intrusion of pedagogical interactions engendered derived experiences from an insufficient moratorium, in dispute with the agencies common to individuation in soccer.

KEYWORDS

Youths; Soccer; School form; Peripheries.

“POUR CONDUIRE LE MATCH...” LES JEUNES ET LE FOOTBALL DANS LES BANLIEUES DE PORTO ALEGRE, BRÉSIL

RÉSUMÉ

En articulant la recherche sur les pratiques juvéniles dans les banlieues urbaines de Porto Alegre, cet article apporte des inférences produites à partir du dialogue avec les jeunes joueurs d'une équipe de football issue d'un projet socio-éducatif et liée au championnat amateur de la ville. Nous avons discuté de la

¹ Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Graduado em Ciências Sociais e doutor em Educação. Contato: leandropinheiro75@gmail.com.

façon dont ces acteurs vivent leur jeunesse dans le milieu footballistique, dans une activité qui n'est pas toujours liée aux expressions culturelles des jeunes. Nous prenons en compte aussi les contributions de Vincent, Lahire et Thin comme des références pour analyser les données de terrain produites à partir des observations ethnographiques et des entretiens narratifs faits entre 2017 et 2018. Nos incursions montrent que, même si la pratique du football amateur tend à rendre visible surtout des marqueurs de socialisation adulte, l'insertion de médiations pédagogiques favorise des expériences dérivés par rapport à la moratoire insuffisant, en dispute avec les agencements communs à la individuation dans la pratique du football.

MOTS-CLÉS

Jeunesse; Football; Forme scolaire; Banlieue.

“PA TENER EL PARTIDO...” JÓVENES Y FÚTBOL EN LAS PERIFERIAS DE PORTO ALEGRE, BRASIL

RESUMEN

Articulado con investigación sobre prácticas juveniles en periferias urbanas de Porto Alegre/RS, este artículo presenta inferencias producidas en el diálogo con jóvenes integrantes de un equipo de fútbol que, proveniente de un proyecto socioeducativo, está vinculado al campeonato amateur de la ciudad. Intentamos discutir cómo esos actores vivían su condición juvenil desde el circuito de fútbol, una actividad no siempre relacionada con la expresividad cultural de las juventudes. Además de algunas referencias en el campo de la sociología de las juventudes, tomamos los aportes de Vincent, Lahire y Thin para el análisis de informaciones de campo, generadas en observación etnográfica y entrevistas narrativas durante los años 2017 y 2018. Según nuestras incursiones, aunque la práctica del fútbol amateur tiende a visibilizar marcadores de socialización adulta, la intrusión de interacciones pedagogizadas aportaba derivas de una moratoria insuficiente, en disputa con los agenciamientos comunes a la individuación en el fútbol.

PALABRAS-CLAVE

Juventud; Fútbol; Forma escolar; Periferias.

No campo da educação, estudos sociológicos sobre as juventudes passaram a se intensificar a partir do final dos anos 1990. Desde então, investigações sobre culturas e práticas juvenis têm sido desenvolvidas, com destaque à abordagem das formas de ocupação/produção política do espaço público, das dinâmicas de sociabilidade, dos modos como gestam disputas em arenas identitárias e informacionais, assim como de sua relação com instituições educativas. De forma geral, podemos dizer que tais pesquisas têm procurado contribuir ao reconhecimento do jovem como sujeito de direitos, tencionando sua usual caracterização como agente transitivo e/ou sob o papel de aluno escolar (SPOSITO, 2009).

Temos realizado incursões a bairros de Porto Alegre/RS desde 2011, desenvolvendo projetos de pesquisa voltados sobretudo às práticas juvenis e sua relação com cotidianos, identidades e individuações em localidades de periferia urbana. Pesquisamos onde, usualmente, as condições de moratória social são tidas por sua insuficiência, de forma que podemos observar sequências transicionais para a vida adulta distintas das convencionais, sendo que a ampliação histórica da escolarização no país convive com outros eventos considerados marcadores da transição, como seriam exemplos a maternidade/paternidade e a inserção laboral na adolescência, realizada antes da conclusão da educação básica (CAMARANO, 2006).

Neste ínterim, procuramos conhecer as atividades de fruição mais recorrentes entre jovens, chegando a esporte notoriamente praticado. Então, a análise da participação no circuito do futebol de várzea se presta, aqui, à problematização da condição juvenil desde atividade massiva não só nas periferias, mas que, ademais, pode ser analisada nas inter-relações com contextos de individuação juvenil fortemente marcados por desigualdade social.

Na sequência, apresentaremos os referentes de nossas análises, vinculadas às sociologias das juventudes e da educação, passando depois à narrativa de nossas interlocuções em campo, realizadas nos anos de 2017 e 2018. Dessa forma, intentaremos discutir a produção social das juventudes em periferias urbanas, aventando que, para esses contextos, é particularmente necessário ponderar os agenciamentos operados pelos próprios atores.

REFERENTES E CONTEXTO

Para referenciar nossas análises, pontos de partida importantes são as noções de “moratória vital e social” e de “condição juvenil”. No caso das primeiras, podemos evocar as célebres definições de Margulis e Urresti (1996). Em relação à moratória vital, eles afirmam

que os jovens, impelidos a tomarem posição em relação ao futuro, possuem um crédito vital por estarem de posse de certo excedente temporal comparativo, relativo a seu período de vida. A moratória social, na forma de condicionalidades de classe, gênero e étnico-raciais, poderá potencializar ou inibir o uso de tal crédito, conforme operam aparatos públicos de ordem jurídica, sanitária, educacional e assistencial no engendramento de tempos sociais de resguardo e preparação, de modo que os indivíduos possam fruir suas energias no âmbito político, cultural e lúdico sem as premências das responsabilidades socialmente imputadas aos adultos.

Então, tendo em mente que a juventude é produção social da modernidade, consubstanciada especialmente no período do pós-guerra europeu, é preciso ter em mente, como alerta Reguillo (2012), que sua consecução histórica contextualizada resultou: da reorganização econômico-industrial, com conseqüente massificação da escolarização e de aparatos de proteção social; da ampliação das possibilidades de consumo cultural, implicando na formação de um mercado de produtos propriamente juvenis; e da configuração de discursos e aparatos jurídicos correspondentes, que propiciaram a visibilização das juventudes também como sujeitos de direitos.

Sob tais circunstâncias, podemos falar de uma “condição juvenil” historicamente configurada, como uma caracterização de traços comuns de um período de inserções e experimentações construídas pelos sujeitos frente ao mundo social, gestando diferentes tomadas de posição. Então, a problematização há muito traçada por Abad (2003) pode ser bastante elucidativa, particularmente, no que tange à diferenciação entre “condição” e “situação” juvenis. Esta concerniria aos modos desde os quais os jovens logram traduzir em contexto uma experiência caracterizada genericamente (ABAD, 2003), ponderadas aí as realidades concretas de classe, gênero, étnicas, comunitárias e estilísticas.

Nesse sentido, adotamos as contribuições de Dayrell e Carrano (2014), buscando uma caracterização que nos apoiasse na operacionalização das análises, em contraste às situações de jovens em localidades periféricas. Ao esboçarem aspectos das juventudes contemporâneas no Brasil, os autores elencam: a) a diversidade presente entre os sujeitos jovens, seja pelo acesso desigual a recursos socialmente produzidos, seja pelas práticas e pertencas que desenvolvem entre pares; b) a valorização de relações sociáveis e do consumo cultural, com destaque à música, às artes e ao esporte, e incluindo-se aí o papel de produtores culturais; c) a expressividade produzida na ocupação de espaços urbanos públicos, exercendo certa micropolítica na fruição da cidade; e d) a experiência comum da produção identitária, na afirmação de uma relação com o tempo e as demandas sociais, mas também na construção de signos e enunciados reflexivos para identificação.

Decorre da assunção de tais referências a necessidade de analisarmos *in loco* as possibilidades lançadas à moratória social e, sobretudo, os agenciamentos operados pelos

atores na promoção de experiências como jovens. Com relação a estes últimos, lembrando proposições de Certeau (2011), convém assinalar que os contextos em tela se apresentam como arenas propícias à ação tática. Já no que tange às condições de moratória, pretendemos dar destaque ao papel exercido pela educação. Para tanto, consideraremos não a carreira e a vivência dos jovens na instituição escolar, via de regra truncada, mas a apropriação da “forma escolar” nas interações.

Vincent et al (2001) assinala que, junto à crise da escola e dos apelos para que a instituição se abra ao entorno, precisamos considerar certa “pedagogização social” da socialização contemporânea. Por outras palavras, a própria abertura da escola se erige em meio à consolidação da “forma escolar” em outros domínios sociais, associando fortemente educação e modelo escolar. Segundo os autores, a forma escolar compreenderia:

“A constituição de um universo separado para a infância [e, vale acrescentar, para a juventude]; a importância das regras na aprendizagem; a organização racional do tempo; a multiplicação e a repetição de exercícios, cuja única função consiste em aprender e aprender conforme as regras, tendo por fim seu próprio fim” (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001, p. 37-38).

A composição de uma rede de proteção e promoção da criança e adolescentes, e os programas governamentais que seguiram aos anos 1990 e 2000, incluindo-se aí a expansão histórica do acesso à escola, têm concorrido para a produção social de tempos de infância e de juventude, em que pese a insuficiência e a precariedade com que se efetivam no atendimento a populações empobrecidas (ARRETCHE, 2015; SPOSITO, 2008; SPOSITO et al, 2018). Assim, sustentamos a hipótese da disseminação da forma escolar entre aparatos escolares e extraescolares em localidades como a considerada aqui, influenciando na socialização de indivíduos jovens, embora a sequência transicional entre atores de contextos vulnerabilizados se mantenha suscetível ao imperativo do trabalho e/ou à responsabilização por tarefas domésticas e do cuidado (CAMARANO, 2006; CORROCHANO, 2016).

EM CAMPO

As localidades em que realizamos pesquisas têm sido selecionadas com base em pelo menos três marcadores de desigualdade social: índices educacionais, com destaque aos níveis médios de escolaridade; as condições de renda, atendo-nos à média remuneratória dos responsáveis por domicílio; e a situação habitacional, observando a incidência de conjuntos habitacionais subnormais (conforme nomenclatura do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE). Procuramos, assim, parâmetros comparativos que nos indiquem cenários periféricos, conjugando experiências de marginalização sócio econômica e cultural, e não só topográfica.

Dessa forma, nossa frequência à Cruzeiro², região onde realizamos as interlocuções abordadas aqui, teve início mediante contatos com ativistas comunitários que nos ambientaram no bairro, seja por incursões no território, seja em longos diálogos informais sobre as condições de moradia e as práticas culturais naquele contexto. Passados cerca de quatro meses de nossa presença, perguntávamos especificamente sobre atividades correntes entre jovens, e soubemos da existência de um coletivo juvenil com cerca de dez anos de duração, cujo histórico unia iniciativa sócio educativa e inserção no circuito municipal de futebol de várzea. A configuração daquele grupo se coadunava a nossos propósitos etnográficos básicos, ao desenvolver prática social estimada na localidade (segundo nossos informantes iniciais) e de consumo massivo entre jovens de periferias urbanas. O que significa dizer que nossa atenção se dirigiu àqueles que performavam as posições de ‘jogador’ e ‘treinadora’, matizando a consideração dos atos, porém, pela relação com a situação juvenil.

O time, que reunia pouco mais de 15 jogadores entre 16 e 25 anos, era treinado por uma professora de educação física voluntária. Larissa³ iniciara o trabalho criando uma escolinha infanto-juvenil informal e, à época da pesquisa, apoiava um time formado por solicitação dos participantes com mais idade, que deixariam de usufruir dos encontros e jogos. Então, o coletivo passou a equipe de futebol na categoria ‘livre’ no campeonato municipal de várzea. Segundo o levantamento que fizemos com a treinadora, dentre os jogadores havia um elenco de presença mais estável, de cerca de dez jovens. Na maioria dos casos, eram moradores da região, autodeclarados negros, oriundos de famílias empobrecidas e com escolarização truncada, sendo que alguns cursavam ainda ensino médio ou mesmo ensino fundamental (em modalidade Educação de Jovens e Adultos). A participação nos treinos ocorria conforme a disponibilidade dos jogadores, nem sempre presentes por dificuldades econômicas.

Dedicamo-nos à observação de agosto de 2017 a dezembro de 2018, realizada no local onde os jogadores se encontravam para treinos e também durante a realização de alguns jogos, em parque central da cidade. Além da descrição de infraestruturas e recursos alocados àqueles atores nas circunstâncias da prática, e em atenção aos referentes expostos anteriormente, nossos registros versavam sobre a forma como se relacionavam com o futebol e construía ali modos de fruição do juvenil. Por outras palavras, procurávamos

²A região da Cruzeiro (centro-sul da cidade) agrega cerca de 65000 habitantes. Para que se possa ter um comparativo da situação local, em que pesem as diferenciações internas no território, apresentamos os seguintes índices: a) distorção idade-série média no ensino médio de 55,06% em 2014 (contra 32,04% no município); b) média remuneratória dos responsáveis por domicílio era de 3,83 salários mínimos em 2010 (5,29 SM em Porto Alegre); e c) percentual de população vivendo em favelas era de 41,93% (13,68% para toda a cidade) (OBSERVAPOA, 2019).

³ Os nomes utilizados aqui são todos fictícios.

narrar situações de moratória social *in loco*, consubstanciadas não só na infraestrutura citadina e institucional a que se tinha acesso na localidade, mas também nos agenciamentos operados ali com vistas à viabilizar atividades preferenciais, o que nos levava a considerar as ações daqueles jovens na conformação de atividades. Então, inspirávamos nas contribuições de Martuccelli (2007; 2010) para a observação do ‘trabalho’ realizado pelos indivíduos para que se possam ter como tais, quando afrontados por desafios em seus processos de individuação.

A tematização da ‘forma escolar’ resultou, dessarte, da própria imersão em campo, quando ponderamos elementos desta na produção da prática daquele coletivo, na interação entre treinadora e jovens jogadores. Então, procuramos apontar os aspectos indicados por Vincent, Lahire e Thin (2001), porém não sob a premissa da instauração de um *modus vivendi* particular e imperante, e sim na busca por observar as negociações e apropriações em curso, mediante a participação dos atores na produção do que fruía juntos.

Não pretendemos um levantamento exaustivo aqui. O resultado desse esforço de imersão e diálogo, de registro do experienciado em campo é, ademais de um conjunto de interpretações disciplinarmente circunscrito, um exercício narrativo desde o qual agenciamos fatos, sujeitos e tempos na busca de inteligibilidade referenciada. O que trazemos é, assim, parte da configuração da temporalidade do pesquisador, entre suas vivências em campo e a elaboração de sua escrita (ROCHA; ECKERT, 1998; 2008).

Ao final do período de imersão, efetivamos também duas entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH, 2002), escolhendo jovens conforme seu tempo de vinculação ao grupo, para aprofundarmos questões sobre a experiência daquela atividade. Produzimos narrativas tópicas sobre os itinerários no futebol, a valoração da atividade na experiência juvenil e as expectativas por vezes geradas aí, bem como sobre os modos preferenciais de atuação nas partidas e treinos, com vistas às referências estilísticas evocadas.

Em resumo, o quadro de sistematização resultante procurou reunir as informações sobre a individuação juvenil experienciada desde uma prática social recorrente, destacando, de um lado, situação de moratória social gestada *in loco* e, de outro, as possibilidades de fruição do juvenil desde as ações dos jovens no circuito do futebol em periferias da cidade, um cenário cuja configuração nem sempre é reportada às experiências protagonizadas por jovens.

FUTEBOL: PRÁTICA SOCIAL, AGENCIAMENTOS E INDIVIDUAÇÃO JUVENIL

[...] Já deixei de ir em aniversário de família, em chá de fralda de filha pra jogar futebol, pra ti ter uma ideia da dimensão. É onde eu encontro paz, onde eu me sinto bem, esqueço os problemas.

[...] Meu estilo é aquele provocador e aguerrido, tipo D’Alessandro; incentivo o time ao máximo, falo, grito [...] Eu gosto de puxar o jogo bastante pro meu modo. (Alex, nov/2017)

A forte mobilização em torno dos jogos existe já há muitos anos nas localidades de periferia da cidade de Porto Alegre, e tende a mesclar, de um lado, ludicidade e sociabilidade e, de outro, seriedade e obstinação. Tal situação poderia nos lembrar as associações de DaMatta (1982) entre futebol e cultura brasileira. Ao tomá-lo como dramatização ritual e explicitar peculiaridades da apropriação que fizemos do *football*, o autor destaca que a expressão “jogo de futebol” indicaria que nossa relação com a prática transcende o esporte, a interpor temas como ‘sorte’ e ‘destino’, prefigurando aquilo que requer táticas (como a vida, supostamente) e que, além disso, coloca-se como assunto importante e sério no cotidiano (e não mera frivolidade). Argumentando que a capacidade de improvisação e a técnica, usualmente comemoradas no futebol brasileiro, representariam possibilidade de individualização e certa experiência de horizontalidade relacional em sociedade historicamente desigual e hierarquizada, DaMatta (1982) acaba por integrar, entretanto, uma narrativa que assume a precedência cultural de um esporte nacional.

De alguma maneira, a astúcia aludida nas caracterizações do futebol brasileiro não deixa de evocar a figura do “malandro”, historicamente situada entre as décadas de 1930 e 1940, quando gestam-se urbanização e industrialização brasileiras (GASTALDO, 2005). Contudo, debruçando-se aos processos e dinâmicas de produção das práticas sociais, como não referir as dissonâncias com tal narrativa quando o futebol se erige como domínio globalizado de ação, dada a articulação de mercados profissionais e de consumo, de produções de mídia corporativa e de formação de jogadores. Segundo Soares et al (2011), a contratação de jogares brasileiros no exterior tem aumentado nos três últimos decênios, em contraste às desigualdades remuneratórias de um espaço laboral precarizado para a maioria dos atletas no país.

Pelos menos desde os anos 1980, o futebol vem configurando estruturas de formação de atletas associada a lógicas empresariais de gestão e a espetáculos de mídia. O surgimento de escolinhas, franquias de marcas de clubes profissionais, legislações e políticas públicas esportivas e/ou transações administrativo-financeiras gerenciadas por conglomerados econômicos estabelecem um mercado global esportivo e, em articulação, passam a dispor requisitos relativos à performance do jogador, isso sem deixar de instigar um conjunto de expectativas em relação às carreiras no esporte (DAMO, 2007b; PIMENTA, 2006). Neste sentido, Pimenta (2006; 2008) comenta o efeito da produção discursiva midiática e corporativa na formação de sonhos e subjetividades entre jovens iniciantes no futebol. Afirma o autor que os mecanismos de sedução simbólica prorrogam o entendimento das dificuldades que percorrem a carreira e a formação nesse esporte. A noção de sonho é abordada em seu caráter ficcional e desde as possibilidades de violência e

frustração associadas ao contraste entre projeções subjetivas e realidades objetivas no campo.

Ademais, o engendramento de aparatos de preparação de jovens jogadores (para um mercado nacional ou internacional) propicia que famílias populares adotem o futebol como projeto de ascensão. De forma mais específica, considerando o ingresso em escolas de futebol, as ajudas de custo e até salários vinculados, sendo estes superiores aos ganhos dos ascendentes muitas vezes, cria-se não só uma projeção, mas um espaço de atuação remunerada imediato (SOARES et al, 2011).

Dessa forma, recorrendo aos argumentos de Toledo (2002), o futebol se estabelece como consumo massivo desde uma totalidade de movimentações atualizadas cotidianamente, mediante a produção de representações desde diferentes posições relativamente intercambiáveis, que o autor, analiticamente, sintetiza em três: torcedores, profissionais e especialistas. A “várzea” reúne elementos organizativos do esporte profissionalizado, embora não figure ali o jogador profissional. Os jovens com quem dialogamos, aficionados da prática, expressavam em suas narrativas tomadas de posição de amadores ou, melhor especificado, daqueles que, certa feita, alimentaram a expectativa de uma carreira. Também se mostravam torcedores noutras ocasiões e, entre pares, mimetizavam especialistas. Tal trânsito entre formas de ação e representação, em nosso entendimento, comporá o processo de individuação juvenil em periferias, seja ao aludir a socialização adulta, seja ao esboçar um microcosmo de protagonismo entre pares.

SOBRE O FUTEBOL DE VÁRZEA NA CIDADE

À época de nossas incursões, o campeonato municipal de futebol de várzea em Porto Alegre ocorria em conformidade a um calendário anual de jogos, envolvendo cerca de 300 equipes masculinas em duas categorias (livre e veteranos). Desenvolvia-se em duas fases subsequentes, sendo a primeira formada por certames regionalizados e dirigidos por ligas (muitas vezes, geridas por lideranças comunitárias). A segunda etapa era denominada municipal, e organizada diretamente pela Gerência de Futebol da Secretaria Municipal de Esportes. Entre os coletivos participantes existiam níveis de organização e estabilidade variados, de pequenas agremiações locais a times improvisados. Em função dos jogos, constituía-se um espaço de atuação e um dispositivo de circulação por diferentes partes da cidade, envolvendo não só jogadores, mas dirigentes e torcedores comunitários (MYSKIW, 2014).

A modo de caracterização, aproximamo-nos da matriz comunitária de futebol, conforme a analisa Damo (2007b). Numa posição intermediária entre os âmbitos do espetáculo e da bricolagem (das “peladas”), o futebol de várzea integra atividades de lazer,

mas se constitui desde procedimentos padronizados de organização, possuindo alguns dos componentes do espetáculo, em menor escala e sem gozar da sacralização que os ritos em estádios legitimam. Os papéis em jogos tendem a ser semi-especializados e, poderíamos acrescentar, a atuação dos jogadores pode indicar filiações comunitárias, mas também se singularizar via circulação em diferentes equipes (num mesmo campeonato, inclusive). Seguindo ainda com este autor, o caso que abordaremos à sequência não deixa de associar também aspectos da matriz escolar, como poderia se depreender da pedagogização operada por uma educadora social informal, graduada em Educação Física. Entretanto, como procuraremos narrar, a configuração da forma escolar era tensionada *in loco*, em meio às dinâmicas relacionais de matriz comunitária.

Myskiw (2014) destaca certo caráter paradoxal das relações no circuito de futebol de várzea, ao assinalar o convívio de lógicas usualmente experienciadas em separação noutros espaços⁴, e, em associação, a miríade de agenciamentos operados pelos sujeitos entre domínios de ação diversos (trabalho, política, lazer, família, vizinhança/comunidade, jogos, etc.). Ademais, quando analisa a circulação de jogadores entre times nos campeonatos, o autor denota a não especialização de funções de gestão, ora estando a administração centralizada na mão de diretores, ora dispersa numa rede de “conhecidos” que facilitava a mobilização de jogadores. Neste contexto, realçava-se a importância da reciprocidade expressa nas redes de contatos, coleguismo e amizades, de forma que a entrada em campo mobilizaria não só habilidades, mas arranjos relacionais diferentes e interdependentes (MYSKIW, 2015).

A configuração acima esboçada, ao sugerir variedade de agenciamentos, articulações peculiares entre domínios de ação e o convívio de lógicas de ação díspares, faz-nos levantar questões sobre as condições de socialização individual e, por conseguinte, de individuação juvenil. Questionamos mesmo se seria o mais adequado afirmar uma situação paradoxal para as práticas em análise. No que tange às experiências dos indivíduos, a percepção de ambiguidades não poderia nos levar a deduzir ambivalências ou paradoxos, ou nos impedir de reconhecer certa “maleabilidade” nas ações dos atores, a medida das circunstâncias. Desta forma, mesmo para a existência de princípios de individuação diversos e dissonantes, quando produzidos em espaços em que não há prescrição normativa formalizada e de uso regular, estes precisam ser problematizados em articulação às ações produzidas contextualmente.

Nossa hipótese em relação a tal aspecto se aproxima das elaborações de Martuccelli (2010) acerca da constituição de hiper-atores e, mais especificamente, do que ele esboça com as figuras do “jogador assimétrico” e do “oportunista vulnerável”, pelas quais

⁴ Tomemos exemplos de dicotomias convencionais: instrumentalidade-intimidade; impessoalidade-pessoalidade; objetivação-afecção; economicidade-fruição; ascetismo-hedonismo.

reportamos respectivamente certa “necessidade de uma estética relacional que faça viáveis interações” (p. 227) e o uso arguto das possibilidades para fazer frente à vulnerabilidade. Para tanto, é preciso considerar que os indivíduos, operando no quadro de dinâmicas éticas, conseguem atuar num *continuum* entre instrumentalidade e intimidade, ou economicidade e fruição, e não necessariamente por uma dicotomização dessas lógicas de ação.

OS JOVENS, A FORMA ESCOLAR E OS AGENCIAMENTOS

Iniciamos a interlocução em visita aos treinos do time. Estes ocorriam à noite, em espaço público nas imediações da região da Cruzeiro. O campo, já sem gramado, com cercas em deterioração, não possuía uma das goleiras; numa das margens, um banco de madeira improvisado era utilizado por aqueles que aguardavam a participação nos coletivos. Os encontros ocorriam ali por um acordo informal entre a treinadora e o zelador do espaço. Havia uma rotina aproximada para os treinamentos, com exercícios de aquecimento e preparação física, seguidos de coletivos de treino. Antes que estes iniciassem, a treinadora poderia repassar algumas orientações gerais, o que incluía, muitas vezes, o desencorajamento de atos violentos em campo. Quando da proximidade de jogos de campeonato, ou após a efetivação destes, costumavam também se reunir em campo por alguns minutos, para comentários táticos, de motivação ou de apreciação do realizado.

Nos jogos, o nervosismo e a excitação pareciam mais intensos. Em que pesem as dificuldades para reunir o número suficiente de atletas, sujeitos às intermitências dos recursos financeiros, o coletivo de jogadores, uniformizados e com semblantes concentrados, performavam compromisso e tensão nos momentos precedentes aos certames. As partidas eram antecedidas por menções gerais de motivação, e integravam os jogos também as orientações bradadas da beira do campo, a cada lance. Sobremaneira, essas interpelações demandavam empenho e, como indiciavam os comentários entremeados entre pares então, a precariedade do espaço, a possível deslealdade nos embates por parte dos adversários ou o cansaço deveriam ser suplantados. Abaixo, transcrevemos um trecho de nosso diário de campo, que expressa parte de nossos argumentos aqui:

Estávamos acompanhando o segundo tempo de um jogo do campeonato municipal, no campo do Parque da Redenção, área central da cidade. O adversário acabou fazendo dois gols. A partida parecia ficar mais tensa; em campo, os jogadores do time que acompanhávamos tentavam compor jogadas com mais rapidez, os jovens que estavam no banco mostravam-se nervosos, agitando-se de um lado para outro. O capitão do time, um dos zagueiros, passou a correr também no ataque. Em seguida, fizeram substituições, mas a situação não parecia mudar e o time não alcançava o gol. Quando nos demos conta, estávamos consternados pela possibilidade de derrota dos jovens. Entre eles, no entanto, a mobilização se mostrava mais aguda, dispostas em várias convocações para que cada um atuasse com mais esforço. As performances mudaram, orientações em tom enérgico se tornavam mais frequentes dentro e fora de campo. Gritavam: “cobre mais ali”; “vamo entrar no jogo!”. Também nos chamava a atenção o incentivo nos momentos em que erravam. A exceção era quando um dos jogadores supostamente errava em demasia ou

parecia mostrar pouco empenho. Aliás, demonstração de empenho e comprometimento (nominados como “raça”) era bastante comemorada. Muitas vezes, era apenas um chute para levar a bola para longe da área de defesa, mas a “raça” era apoiava como uma qualidade necessária (Dário de campo, novembro de 2018).

Ainda na ocasião narrada acima, numa das substituições, entrou em campo Agner, jovem de aproximadamente 17 anos de idade, com quem conversávamos frequentemente nos treinos. Ele entrou em campo com expressão de receio; já havia alegado a presença de integrantes do tráfico de drogas na outra equipe e o contexto do certame parecia assustá-lo⁵. Certa perplexidade nos tomou e, depois, algumas perguntas: que tensionamentos experienciais aquela performática da “batalha” e a progressão sugerida à vida masculina adulta colocavam à individuação juvenil? Ou, que contrapontos os jovens poderiam dispor à demanda protagônica de contextos que tendiam a adversidades severas? Convém ter em vista, neste sentido, que a prática em estudo, e as dinâmicas de homosociabilidade que promovem, participam da socialização de certa masculinidade, vinculada ao enfrentamento necessário de precariedades e hostilidades, da expressão de coragem e valentia, se preciso, ambos reportados à rua e ao esporte amador (DAMO, 2007).

De certa forma, nosso relato até aqui poderia nos reportar a certa mimese dos espetáculos futebolísticos, tal como conhecemos pelas narrativas midiáticas. Não obstante a possibilidade de tal articulação, sendo o futebol uma prática social intensamente produzida e normatizada pelos discursos de mídia e mercados corporativos, as experiências observadas na várzea podem indiciar movimentos operados à escala individual, que desbordavam os enunciados massivos.

Começamos pela situação *sui generis* da organizadora do time. Como mulher e professora formada, ademais não residente em localidade de periferia, Larissa precisava atuar a partir de um conjunto de táticas. As conversas tidas com ela indicavam um manejo sistemático de relações. Contou-nos que permitiria pessoas de times e comunidades diferentes nos treinos de seu grupo, pois lhe garantiria circulação mais fácil em diferentes territórios. Não negaria a ninguém a possibilidade de conhecer o projeto; procurava apenas evitar contatos com padrões de tráfico de drogas, para não se ver comprometida e ter sua circulação limitada. Neste sentido, aliás, não raro os jovens mencionavam a necessidade de “ter conhecimento”, ao afirmar que precisavam se fazer conhecidos nos territórios. A manutenção de laços compunha a viabilização das práticas e um fator de poder cotidiano.

Quando perguntada sobre sua atuação em espaço preponderantemente masculino, Larissa dizia se sentir respeitada, em parte, pelo fato de ser professora graduada. A maior

⁵ É importante registrar que, durante nossas incursões, escutamos muitos relatos de situações de violência extracampo (incluindo a visualização de armas entre torcedores rivais). Quando deste tipo de depoimento, o futebol parecia compor um limiar, acontecer apesar e em convívio com os conflitos do tráfico de drogas: ora o “patrão da boca” patrocinava times e jogos; ora a disputa entre territórios influía nos jogos, tentando impelir os resultados.

parte dos responsáveis por times de várzea era formada por moradores das localidades e não teria formação específica na área esportiva. Ademais, ela mencionava que os jovens não estariam mais acostumados com os tratos agressivos de treinadores de outros times, e preferiam as interações produzidas com ela. A educadora dizia não se importar com a intermitência das presenças de seus jogadores. Havia jovens que passavam longos períodos sem comparecer aos treinos e, quando voltavam, ela os acolhia sem repreensões enfáticas.

Ações da treinadora eram perpassadas de certo “jogo de cintura”, de maleabilidade para equilibrar relações que garantissem a manutenção do time. Indiciava saber que um discurso rígido ou unilateral não surtiria efeito, usando a necessidade de integração da equipe como argumento para sensibilizar os jovens. Os bons resultados em campeonatos e as experiências diversas oportunizadas (como viagens a outras cidades, por exemplo) também pareciam motivar a permanência. De outra parte, disse-nos ela que o preparo físico e a estabilidade psicológica faziam diferença em seu método: frequentemente, o time venceria por gols no segundo tempo e, além disso, as contendas em campo seriam menos correntes.

A configuração de aspectos da “forma escolar” parecia compor elementos de apoio, apropriados não de forma veemente, mas no curso de uma articulação com os modos de ação do contexto. Podemos reportar às tomadas de posição da treinadora a concepção dos jovens como “aprendizes”, de forma que a adesão aos treinos era perpassada não necessariamente por potenciais resultados competitivos, mas pelo ensejo de aprendizagens. Criava-se, assim, uma temporalidade aberta na vinculação ao time. No entanto, a dinâmica dos encontros do grupo sinalizava resistência à fixação de relações e regras impessoais, dando relevo, ademais, à oralidade e aos exemplos práticos para a objetivação dos aprendizados.

Embora a dispusessem em suas brincadeiras e nem sempre a obedecessem, dificilmente desrespeitavam a treinadora ou a contrariavam verbalmente. Durante os coletivos nos treinos, era possível observar que os jogos eram permeados de atos hostis ou mesmo agressivos, apesar dos apelos em contrário. Não raro, o combativo da competição se tornava violência física, mas não a agressão explícita, e sim a aproximação contundente que dissimulava a força e o toque desleal. Ainda na etapa de preparação física, era possível ver que os jovens criavam modos de pegar a bola e trocar passes, intercalando os exercícios recomendados e fraturando as rotinas planejadas. Larissa o percebia, mas não intervinha sempre.

As dinâmicas astuciosas, pelas quais se fugia de atividades disciplinadas/disciplinadoras com breves transgressões, eram correntes. De toda forma, tais movimentos carregavam certa confluência tácita de que o conflito e/ou as diferenças de posicionamento não precisavam do verbo, de uma palavra final, salvo em situações extremas:

a definição das ações se dava num arranjo de movimentos em que acordos morais se gestavam como referências de fundo, numa “estética relacional” que preservava a estabilidade do coletivo.

Um último aspecto a considerar nos remete às conversações e narrações sociáveis. Tomemos um exemplo. No treino realizado em semana posterior a um torneio, os garotos que estavam no banco passaram comentando os acontecimentos deste. O início das narrativas veio pelo resultado da final, perda nos pênaltis. Aí, mencionavam que o juiz lhes teria subtraído a última cobrança, o que foi percebido por eles somente depois. Diziam ter jogado muito bem; detalhavam a sequência de chutes, entre defesas e finalizações. Então, vinham os comentários acerca de quem não teria convertido os pênaltis, a parte mais longa da conversação: ora alguém comentava o erro do outro em tom jocoso, ora o próprio jogador narrava o que tinha planejado e o que ocorrera. Tal balanço transcorreu algumas vezes à medida que chegavam novos interlocutores e agregavam comentários.

A narração interativa recordava os feitos e tendia a visibilizar as emoções, via de regra compartilhadas com os colegas no entusiasmo com que intercalavam complementos às narrativas. As versões individuais davam detalhes e quase encenavam os feitos. Nisso, os sujeitos tentavam explicar porque erraram e mencionavam como se sentiam⁶. Esse estar-junto, de certo modo, interpunha-se como celebração, dado ser ele próprio um modo de agenciamento, lembrando as “artes de dizer” de que nos falava Certeau (2011). As interações compunham dramaticidade e partilha estética do que se considerava desafio e compromissos comuns, situando derivas individuais; a fruição mnemônica não era acessória aos fatos, mostrava-se ela própria uma forma de produzir a prática e o vínculo no curso do tempo.

Poucos por ali diziam alimentar ainda a expectativa de seguir carreira profissional no futebol. Mesmo sem tal anseio, a atividade com o time levava alguns a não beberem ou saírem para festas por semanas, em função de jogos em campeonatos. O futebol se mostrava mobilizador e, mesmo quando não representava trabalho ou um projeto, seria difícil tomar a prática do futebol como lazer, por conta de sua pertinência sócio contextual, como lugar de potência associada à expertise, ao protagonismo e ao reconhecimento entre pares que podia oportunizar à experiência juvenil. A apropriação de aspectos esportivos (inspirados no circuito profissional espetacularizado) era manejada junto à produção do lúdico, ao performarem como jogadores e ao interpretarem entre pares (jovens) as memórias como sujeitos no enfrentamento de desafios. A 'forma escolar' era tomada nesse manejo, não raro, confluindo o lúdico ao juvenil sob vigília de agenciamentos.

⁶ Tomando um pequeno exemplo, um dos jovens chegou a manifestar em sua performance narrativa: “quase chorei; nem queria olhar para trás [para os colegas de time]”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AINDA SOBRE A CONDIÇÃO JUVENIL

Procuramos discutir a experiência da condição juvenil em prática social configurada, em muito, desde discursos gestados pelo mercado futebolístico, incluindo as interpelações de mídia, o que reforça a codificação das ações dos atores. Contudo, a partir de um caso em particular, buscamos atentar aos agenciamentos que compõem a produção do futebol em periferias urbanas, com destaque à participação de jovens.

Com isso, não pretendíamos uma análise exaustiva da condição juvenil de nossos interlocutores, mas realçar aspectos de sua produção, analisando parte dos movimentos efetivados pelos jovens para consecução de suas práticas. Desta forma, o caso analisado explicitava a disseminação de relações pedagogizadas, sendo apropriadas *in loco* pelos atores. A despeito das experiências malogradas nos tempos da escola, a forma escolar parecia compor as experiências e, tomando a importância do futebol na socialização de jovens em periferias urbanas, tal configuração compunha a situação juvenil e propiciava que nossos interlocutores produzissem atividades e fruissem momentos entre pares.

A experiência comum da produção identitária, na relação com o tempo e os desafios sociais, mas também na construção de signos e enunciados reflexivos para identificação, talvez seja o principal elemento das experiências juvenis em jogo. Tratava-se da possibilidade de construir a condição de jovem, gestando juntos uma prática que apreciavam, desde a qual produziam registros mnemônicos no curso de suas individualizações, vivenciando interstícios de suspensão dos compromissos prementes da vida adulta. E isso não significa a ruptura com responsabilidades, mas sim a simbolização destas em microcosmo temporalmente resguardado e protagonicamente construído.

Contudo, a aproximação à condição juvenil, ou ao direito de ser jovem, passava pelo agenciamento e pela apropriação “do que chegava”, ora produzindo derivas em relação com uma moratória social insuficiente. Em contexto de precariedade, ter-se como jovem parece ser parte das disputas cotidianas a que os próprios atores precisam fazer frente.

REFERÊNCIAS

ABAD, Miguel. Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil. *Última Década*, n. 16, p. 117-152, mar/2003.

ARRETCHE, Marta (Org.). **Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos**. São Paulo: UNESP, 2015.

CAMARANO, Ana Amélia. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CORROCHANO, Maria C. Trabalho e condição juvenil: permanências, mudanças, desafios. In: NOVAES, Regina et al (Org.). **Agenda juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016. p. 155-174.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

DAMO, Arlei S. A rua e o futebol. In: STIGGER, Marco P. (Org.). **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007a. p. 51-70.

_____. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 2007b.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola? In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículo em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 101-134.

GASTALDO, Édison. Futebol, mídia e sociabilidade: uma experiência etnográfica. **Cadernos IHU Ideias**, v. 03, n. 43, p. 01-26, 2005.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

MARGULIS, Mario.; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARTUCCELLI, Danilo. **Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo**. Santiago: LOM Ediciones, 2007.

_____. **¿Existen individuos en el Sur?** Santiago: LOM Ediciones, 2010.

MYSKIW, Mauro. Aqui é a várzea: reflexões sobre a constituição de um circuito de lazer na/da cidade de Porto Alegre. **Revista Brasileira Ciências de Esporte**, v. 36, n. 02, p. 711-724, 2014.

_____. As ‘tradições varzeanas’ nos ‘times de camisa’: notas etnográficas sobre a circulação de jogadores num circuito de lazer da cidade de Porto Alegre. **Licere**, v.18, n. 03, p. 158-196, 2015.

OBSERVAPOA. **Porto Alegre em análise**. Séries históricas – Censos Populacionais IBGE. Disponível em: <<http://portoalegreemanalise.procempa.com.br>>. Acesso em: outubro de 2019.

PIMENTA, Carlos A. M. **Sociologia da juventude: futebol, paixão, sonho, frustração, violência**. Taubaté: Editora Cabral, 2006.

_____. O sonho na sociedade contemporânea: juventude e futebol. **Ponto e Vírgula**, n. 3, p. 112-129, 2008.

REGUILLO, Rossana. **Culturas juveniles: formas políticas del desencanto**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.

ROCHA, Ana; ECKERT, Cornélia. A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica. **Revista de Antropologia**, v. 41, n. 2, p.107-136, 1998.

_____. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, C.; GUAZELLI, C. (Orgs.). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008. p. 09-24.

SOARES, Antônio J. G. et al. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Bras. Ciência do Esporte**, v. 33, n. 04, p. 905-921, 2011.

SPOSITO, Marília et al. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**, v. 44, e170308, 2018.

SPOSITO, Marília. Juventude e educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal. **Educação e Realidade**, v. 33, n. 2, p. 83-98, 2008.

SPOSITO, Marília (Org). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira – Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

TOLEDO, Luiz H. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, n. 33, p. 07-47, 2001.

Recebido em 28 de janeiro de 2021.
Aprovado em 05 de agosto de 2021.